

**ORIENTAÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO DO
CONHECIMENTO DECLARATIVO
TÉCNICO-TÁTICO NO HANDEBOL**



TALITA FABIANA ROQUE DA SILVA

2017

Apoio e Divulgação

Universidade Estadual Paulista – UNESP
Faculdade de Ciências
Programa de Mestrado – Docência para Educação Básica

Elaboração

Talita Fabiana Roque da Silva

Supervisão Geral

Prof.^a Dr.^a LÍlian Aparecida Ferreira

Ilustrações

Imagens extraídas do site Pixabay
E elaboradas pelos estudantes participantes da pesquisa que deu
origem a esse livreto

Silva, Talita Fabiana Roque.

Orientações para o desenvolvimento do conhecimento declarativo técnico-tático no handebol / orientadora: Lílian Aparecida Ferreira. - Bauru : UNESP, 2017
44 f.

Produto educacional elaborado como parte das exigências do Mestrado Profissional em Docência Para Educação Básica da Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru
Disponível em:

1. Educação física escolar. 2. Conhecimento declarativo. 3. Handebol. I. Ferreira, Lílian Aparecida. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. III. Título.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
Conhecimento declarativo: Saber o que fazer.....	5
Educação Física escolar.....	11
O esporte na Educação Física escolar: Desafios a serem superados	16
Desvendando o handebol.....	21
Atividades para o desenvolvimento do conhecimento declarativo técnico tático em aulas com jogos de handebol	26
Algumas Considerações	40
Referências	41

APRESENTAÇÃO

Esse material apresenta uma proposta didática, inovadora e diferenciada, para professores de Educação Física que queiram desenvolver o conteúdo esporte nas aulas de Educação Física na escola, especificamente na dimensão técnico-tático do conhecimento declarativo.

Consideramos que o professor constrói e reconstrói seus conhecimentos conforme a necessidade de sua utilização, suas experiências no contexto em que atua, e seus percursos formativos e profissionais. Sendo assim, estamos propondo algumas formas para ensinar o conhecimento declarativo técnico-tático no esporte.

Nosso propósito em apresentar este material está em oportunizar um novo olhar para as possibilidades de construção dos conhecimentos do conteúdo esporte, a fim de transformar a prática pedagógica docente.

A organização dessa proposta está estruturada a partir de tópicos que estabelecem interação com o professor leitor, aproximando-o do que estamos concebendo por conhecimento declarativo, mais especificamente técnico-tático do esporte.

A autora.

CONHECIMENTO DECLARATIVO: SABER O QUE FAZER

*Você já ouviu falar
sobre conhecimento
declarativo? Sabe
como surgiu e quando
utilizar dentro de suas
aulas?*



Fonte: Figura extraída do site pixabay

A compreensão conceitual do conhecimento declarativo passa necessariamente pela psicologia cognitiva, na medida em que o mesmo se estabelece com base nesta matriz teórica.

Na psicologia cognitiva, segundo Moreira (1982, p.3) “[...] a preocupação está no processo da compreensão, transformação, armazenamento e uso da informação envolvida na cognição, e tem como objetivo identificar os padrões estruturados dessa transformação”. O que significa dizer que a aprendizagem é um processo no qual existe etapas a serem seguidas para que aconteça o resultado, modificando a ideia de que a mente era só uma passagem de informações e estímulos.

De acordo com Ausubel (1976), a aprendizagem só será significativa se não for incorporada de maneira arbitrária à estrutura cognitiva, ou seja, a aprendizagem ocorre de maneira efetiva quando o estudante utiliza as aprendizagens adquiridas para sua vida fora do contexto escolar, conseguindo dispor desse conhecimento para outras situações e outros ambientes. No caso da Educação Física, podemos dizer que o estudante se apropriou do conhecimento quando ele se utiliza dele fora do ambiente da aula, nos seus momentos de lazer ativo, ou como espectador crítico das práticas da Cultura de Movimento, por exemplo.

Assim, como é parte fundamental da aprendizagem significativa que o estudante consiga se apropriar do conhecimento adquirido no ambiente escolar para outros de sua vida cotidiana, é também importante para a construção desta aprendizagem, reconhecer o que o estudante já conhece sobre aquele assunto, o que traz consigo, e assim partir desses elementos para a construir novos conhecimentos.

Stenberg (2000) reconhece que o conhecimento, do ponto de vista cognitivo, pode ser entendido como um sistema de informações abrangendo aspectos específicos e gerais de uma determinada ideia, teoria científica, notícia, prática de vida ou experiência. Essas informações foram processadas pelo indivíduo, isto é, foram coletadas, codificadas, organizadas e armazenadas em consequência de uma experiência. A memória é o nome que damos ao sistema de armazenagem de conhecimentos e que, para tanto, possui funções de codificação e recuperação da informação.

E como esta aprendizagem será demonstrada? Uma destas possibilidades seria pelo conhecimento declarativo. Para Stenberg (2000, p. 155), esse conhecimento declarativo nada mais é que “[...] um corpo organizado de informações factuais”, podendo ser representado por meio de palavras ou por símbolos, através de conceitos ou esquemas.

Anderson (1995), nos diz que o conhecimento declarativo se refere aos conhecimentos sobre conceitos, fatos e descrições. Já os conhecimentos táticos declarativos, dentro de um jogo esportivo, referem-se ao entendimento do posicionamento dos jogadores e das situações de jogo, ou seja, “saber o que fazer” dentro das situações dinâmicas que o jogo irá propor.

Como nos apresenta Antunes e Dantas (2010), o conhecimento declarativo na Educação Física pode ser encontrado tanto nas dicas essenciais para a execução de uma habilidade motora, no significado sociocultural de uma determinada atividade motora, ou ainda nas orientações sobre o gasto energético a ser despendido num certo exercício físico.

Antunes e Dantas (2010, p. 209), definem o trabalho com o conhecimento declarativo dentro das aulas de Educação Física na escola, como:

A inserção de conhecimentos de natureza declarativa no conjunto de conhecimentos escolares que caracterizam o componente curricular da Educação Física, não implica uma ameaça a sua identidade corporal ou à prática dessa disciplina. Ao contrário, a prática de atividades físicas durante as aulas é enriquecida na medida em que se atrela à atividade um novo significado, dotando-a de novas possibilidades de apropriação por parte dos alunos. A Educação Física Escolar, ao focar um conhecimento declarativo, não estará deixando de cumprir seu papel, apenas enriquecerá a sua contribuição para o processo de escolarização.

Portanto, o conhecimento declarativo assume uma importância determinante para o jogador (estudante que joga), tanto na interpretação da situação para posterior escolha de decisão, como na interpretação do resultado da decisão. Quanto mais abrangente for o conhecimento declarativo específico dos jogadores, maiores são as possibilidades de apresentarem desempenhos de melhor qualidade (OLIVEIRA, 2004).

Sendo assim, concordamos com as importantes contribuições dadas pela psicologia cognitivista quando trabalhamos com o conhecimento declarativo, porém, pensamos que seja possível ir além de suas conquistas.

Quando nos reportamos às ideias de Vygotsky, citadas por Rego (1995), é possível considerar o desenvolvimento humano como um processo de apropriação pelo homem, da experiência histórica e cultural. Para o autor, o social e o biológico não estão dissociados, sendo que o organismo e o meio exercem influência recíproca. Nesta perspectiva o homem é concebido como transformador e transformado por uma determinada cultura, a partir das suas relações/interações sociais, ou seja, um pensamento sócio interacionista. Nas

palavras do autor: “É, portanto, na relação dialética com o mundo que o sujeito se constitui e se liberta” (REGO, 1995, p. 94).

Portanto, o ponto de vista de Vygotsky (1984) sobre o desenvolvimento humano e suas aprendizagens, não é algo que acontece de maneira isolada, mas sim através de trocas recíprocas, estabelecidas pela vida toda entre o meio e o indivíduo. Ou seja, “[...] o homem é entendido como um ser em permanente construção, que vai se constituindo no espaço social e no tempo histórico” (REGO, 1995, p. 97).

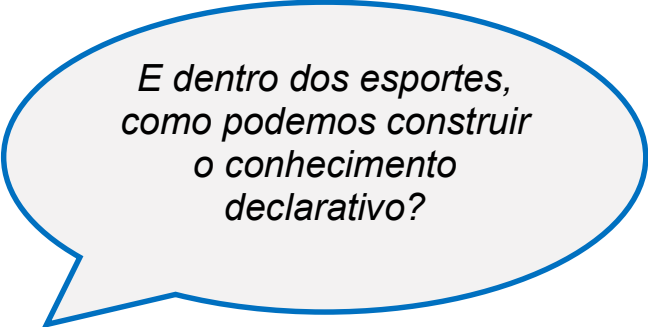
Para Rego (1955, p. 98) “[...] o desenvolvimento das funções psíquicas humanas (produção de ideias, das representações, do pensamento, enfim da consciência) está intimamente relacionado à atividade material e ao intercâmbio entre os homens”.

Vygotsky (1984) parte do princípio de que são nas atividades práticas, nas interações estabelecidas entre os homens e a sociedade/meio, que as funções psíquicas, especificamente humanas, nascem e se desenvolvem.

Para Rego (1995, p. 108, destaques do autor), baseado nas ideias de Vygotsky:

A escola desempenhará bem seu papel, na medida em que, partindo daquilo que a criança já sabe (o conhecimento que ela traz de seu cotidiano, suas ideias a respeito dos objetos, fatos e fenômenos, suas “teorias” acerca do que observa do mundo), ela for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos, na linguagem vygotskiana, incidir na zona de desenvolvimento potencial dos educandos. Desta forma poderá estimular processos internos que acabarão por se efetivar, passando a constituir a base que possibilitará novas aprendizagens.

Sob este ponto de vista, é possível compreender que os estudantes, estando o tempo todo de sua vida escolar (e também fora dela) em contato com colegas, professores e comunidade, são capazes de produzir uma aprendizagem mediada por esse meio que os envolve, sendo que a troca de ideias e posicionamentos proporcionam um conhecimento que vai além daquele que o indivíduo produz de maneira independente/sozinho.



*E dentro dos esportes,
como podemos construir
o conhecimento
declarativo?*

Dentro dos esportes, como conteúdo das aulas de Educação Física, podemos dizer que o conhecimento tático declarativo se refere ao que o jogador tem estruturado na forma de representações mentais. Permitindo-lhe relacionar os diferentes conceitos que constituem o conjunto de saberes sobre o regulamento, estratégias, táticas ofensivas e defensivas, assim como das diferentes posições dos jogadores na quadra, suas funções e como agir nas diferentes situações, segundo Morales e Greco (2007).

O significado e o nível de importância dos sinais que o jogador percebe, dependem do nível de conhecimento que detém do jogo ou das situações em que está inserido. Então, o conhecimento armazenado na memória serve como referencial para análise e avaliação das informações, permitindo a sua seleção e codificação (PINTO, 2005).

Oslin; Mitchell; Griffin (1997) indicam que jogadores com limitado domínio das habilidades técnicas podem jogar se tiverem compreensão tática do jogo. Outra constatação importante explica que a falta de conhecimento do jogo, associada a um raciocínio tático ineficaz, são causas decisivas para a execução errada das habilidades técnicas. Assim, a compreensão da capacidade tática torna-se fundamental para o aumento do conhecimento sobre o jogo e como contribuição para a formulação das aulas (GARGANTA; PINTO, 1998).

Segundo Garganta (2001, p. 60):

O processo de recolha, coleção, tratamento e análise dos dados obtidos a partir da observação do jogo, assume-se como um aspecto cada vez mais importante na procura da optimização do rendimento dos jogadores e das equipas. Neste sentido, através dos denominados sistemas de observação, os especialistas procuram desenvolver instrumentos e métodos

que lhes permitam reunir informação substantiva sobre as partidas.

Oslin; Mitchell; Griffin (1997) demonstram que o emprego dos métodos com abordagem na compreensão do jogo, nos processos cognitivos que se interagem e produzem decisões táticas no plano motor, tem propiciado melhora significativa no conhecimento tático dos praticantes das diversas modalidades dos jogos esportivos coletivos, em relação aos métodos centralizados no ensino e aprendizagem sobre a técnica.

A partir da construção do saber tático, por meio de métodos mais ativos, centrados na tática, o próprio jogador/estudante pensará e conseguirá tomar decisões autônomas dentro da modalidade esportiva coletiva que pratica. Assim, o jogador/estudante terá uma maior motivação na prática desportiva.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O professor leitor saberia dizer quando foi oficializada a Educação Física escolar brasileira?



A Educação Física escolar brasileira teve início oficial em 1851, com a Reforma Couto Ferraz, que apresentou à Assembleia as bases para a reforma do ensino, sendo obrigatório ministrar ginástica para o primário e dança para o secundário, porém na prática, sua efetiva implantação ficou restrita aos primeiros anos na década de 1930 (BETTI, 2009). De acordo com o mesmo autor, em 1937 a Educação Física aparece, pela primeira vez na história do país, em uma constituição.

Fonte: Figura extraída do site Pixabay

A área da Educação Física passou por vários momentos na sua trajetória histórica, você lembra disso professor?

Corpos ágeis, robustos, fortes e saudáveis, essa era a ideia da Educação Física higienista, materializada no final do século XIX e início do século XX, concomitante a Primeira Guerra Mundial. No Brasil, o baixo nível de saneamento básico e as doenças que se proliferavam, foram argumentos em defesa deste modelo higienista. É particularmente, neste momento da história nacional, que os médicos tiveram significativa influência na constituição de uma proposta de legitimação da área. Demarcava-se aí uma aula de Educação Física caracterizada pela exclusão dos doentes e dos mais fracos, sem interação professor estudante e com reduzidas preocupações pedagógicas que fossem, de fato, vinculadas ao universo escolar (SOARES, 1994).

A partir das ideias da Educação Física higienista e com o surgimento do regime militar no Brasil (governo Getúlio Vargas, início do século XX), surge um outro modelo para a Educação Física inspirado nas práticas militares, de natureza quase que, exclusivamente, biologicista (DAOLIO, 1995). Era representada pela imagem dos homens do exército, com saúde e virilidade, do “corpo forte”, com aspecto rígido da educação do físico, e toda essa perspectiva de produzir corpos capazes de defender sua nação é levada para o ambiente escolar. Os estudantes eram tratados de maneira homogênea e ainda não existia uma intencionalidade pedagógica que se articulasse aos propósitos da escola, particularmente do que vinha sendo preconizado à época no âmbito internacional.

Para Soares *et al.* (1992, p. 53) “As aulas de Educação Física nas escolas eram ministradas por instrutores físicos do exército, que traziam para essas instituições os rígidos métodos militares da disciplina e da hierarquia”.

Após a Segunda Guerra Mundial e com o aumento das escolas públicas no Brasil, ocorre pela primeira vez uma valorização específica do aspecto pedagógico nas aulas, período em que se passou a reconhecer a Educação Física como pedagógica. O estudante era tratado de maneira mais inclusiva, porém o coletivo ainda superava o individual, e negativamente surge o culto ao corpo de maneira consumista (FERREIRA E SAMPAIO, 2013).

Betti (2009) nos faz pensar sobre a unilateralidade dos conhecimentos aos quais se limitava a Educação Física, ou seja, primeiro anatômica, depois fisiológica, depois psicológica e neste momento social-educativa, pensando num aperfeiçoamento individual, mas com objetivo coletivo.

Ao final da década de 1950 houve a publicação de muitos artigos sobre esporte e treinamento esportivo, dentro do *Boletim de Educação Física*, órgão oficial do Departamento de Educação Física, o que influenciou os setores da área para uma perspectiva esportivizada neste momento. Existiu então a aproximação do conceito de Educação Física com o de Esporte, e até a substituição de sessões de Educação Física por treinamentos e competições esportivas (BETTI, 2009).

Neste período a Educação Física brasileira sofreu grande influência do método criado na França, conhecido como “Método Desportivo Generalizado”, tendo como princípio a incorporação do conteúdo esportivo aos métodos da Educação Física, com evidência para o aspecto lúdico (BETTI, 2009).

Em que pesem as limitações, mas também algumas contribuições trazidas por estes diferentes momentos de construção da Educação Física na escola, na década de 1980 iniciou-se um movimento crítico na área da Educação Física, caracterizado por um período de intensas discussões, entre críticas e denúncias, principalmente sobre a hegemonia e o modelo de esporte praticado nas escolas, assim como, as formas de ensino que se baseavam nos moldes do alto rendimento (KUNZ, 2004).

A partir de 1982, acontece uma grande divulgação de novas ideias para Educação Física, assentadas em estudos com embasamento científico e reflexão teórica, tanto epistemológica quanto política, resultando em perspectivas que acenavam para novas formas de conceber o ensino e o modo de ensinar. Houve neste momento uma grande mobilização da área no que se refere à formação profissional, com aumento de cursos, congressos e ingresso de professores da área em cursos de pós-graduação no exterior (BETTI, 2009).

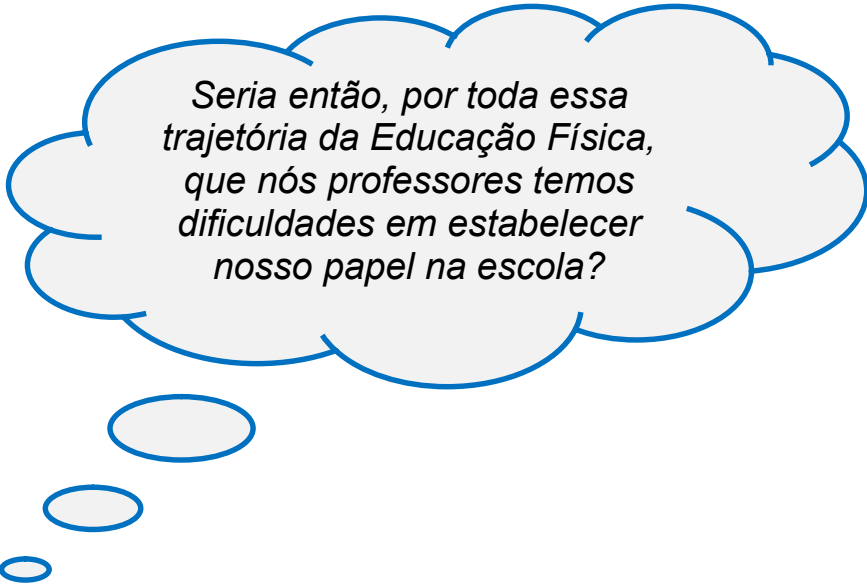
O discurso sociopedagógico ganhou força principalmente no final da década de 1980, anunciando, segundo Gamboa (1994, p. 36): “[...] uma fase salutar da pesquisa, que significa um avanço das questões instrumentais, técnicas e metodológicas para as teóricas e epistemológicas”.

Para Caparroz (1996), existiram dois fatores marcantes que deram início às críticas para a área da Educação Física nos anos de 1980, que foram: a redemocratização que ocorreu no país a partir do final dos anos de 1970 (processo histórico, político e econômico muito marcante) e, o reconhecimento, por parte de seus acadêmicos e profissionais, da necessidade da própria área

se qualificar cientificamente para atender as demandas da sociedade. É neste contexto que se buscou superar a exclusiva valorização do físico e da aptidão física por parte da área, buscando um rompimento com a “desnaturalização” do seu objeto, ou seja, “[...] o corpo não mais é entendido somente como uma dimensão da natureza (em nós) e sim, principalmente, como uma construção cultural, portanto, simbólica” (BRACHT, 2010, p. 2).

Segundo Daolio (1997), a obra de João Batista Freire veio para criticar o papel alienante e alienado da Educação Física, com vista a buscar uma redescoberta do corpo. Nesta obra, Freire (1987, p. 54) escreve que: “A Educação Física poderia deixar de ser a técnica de adestrar homens, para se tornar a técnica que permitisse ao homem realizar, com arte, cada movimento”. As produções na área da Educação, nesta época, também em muito ajudaram a Educação Física escolar a se reconstruir, mobilizando uma nova identidade resultante de intensos e efusivos debates.

Seguindo esses pressupostos que também motivaram mudanças de legislação para a Educação Física, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996), além do reconhecimento da Educação Física como componente curricular na Educação Básica – que posteriormente acrescentou o termo obrigatório na Educação Básica - estabeleceu autonomia para que as escolas construíssem seus Projetos Político Pedagógicos, traduzindo as mudanças conjunturais, políticas e ideológicas vigentes no país e revelando os desejos e interesses de quem os construiu.



Seria então, por toda essa trajetória da Educação Física, que nós professores temos dificuldades em estabelecer nosso papel na escola?

Levando essas influências como ponto de partida, identificamos, de acordo com Bracht e Gonzalez (2014), a dificuldade que os professores encontram em estabelecer claramente o papel da Educação Física na escola, bem como, para as aulas, de modo a superar dinâmicas que enfocam exclusivamente a exercitação física.

Assim sendo, buscamos com nossas orientações, uma nova leitura para o trabalho com a Educação Física no ambiente escolar, na qual a vivência é importante e valorizada, mas não é o único objetivo a ser alcançado.

O ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DESAFIOS A SEREM SUPERADOS.

Quem nunca participou de uma aula de Educação Física escolar na qual o conteúdo era esporte? Agora pense nas características destas aulas. Pensou? Era fácil identificar os objetivos? Estavam sustentadas pela busca da técnica, entendimento do jogo, ou apenas o jogo pelo jogo?



Fonte: Figura extraída do site Pixabay

Fácil encontrar quem já vivenciou o esporte nas aulas de Educação Física nos seus diferentes formatos, o mais difícil é presenciar aulas na qual temos a participação e aprendizagem de todos, com objetivos traçados em cima de um conteúdo esportivo (nas suas diferentes dimensões) e não da reprodução esportiva (técnica) ou do simples oferecimento de uma bola. Mas porque será que isso ocorre? Vamos tentar entender o porquê.

Qual a influência dos esportes em sua aula, professor? Você sabe dizer a razão disso?

O esporte exerce um papel de influência dentro das aulas de Educação Física, e não poderia ser diferente, visto que, o esporte como fenômeno mundial influencia a sociedade de maneira geral por sua forte presença nas

mídias, na economia, na política e na cultura das pessoas. Além disso, o esporte é considerado em muitos momentos como sinônimo da Educação Física no ambiente escolar, isto porque ele é muito presente em nossas aulas, exercendo seu poder como fenômeno social (BRACHT, 1992). Entretanto, apesar do cenário relativo de poder do esporte na escola, não são poucas as discussões sobre a exclusão ou manutenção do mesmo nas aulas de Educação Física. Até porque o esporte reinou por muito tempo como hegemônico na Educação Física em prol da identificação de talentos esportivos e formação de atletas. Contudo, nos dias atuais, existe, ou deveria existir, uma ampliação dos conteúdos da Cultura de Movimento¹ na Educação Física, materializando uma tentativa de redefinir seu sentido pedagógico e também o lugar do esporte enquanto conteúdo deste componente curricular.

Porém, o que deveria ser uma evolução no que se refere aos conteúdos e métodos de ensino, deu lugar a uma triste maneira de entender as metodologias a serem utilizadas em aula.

Você já ouviu falar sobre o “rola bola”, professor?



No embate em prol de uma nova configuração para a Educação Física na escola, sabemos que o esporte de alto rendimento, que antes tinha forte presença no ambiente escolar, parece ter cedido lugar para uma “aula” na qual o professor de Educação Física não intervém e seu papel se restringe a proporcionar uma bola aos estudantes para que os mesmos a utilizem como acharem melhor (DARIDO, 2010). Sobre esse modelo de “aula”, comumente chamado de “rola bola”, Darido (2010 p.14) aponta que:

¹ Cultura de Movimento (KUNZ, 2004, p. 20, destaque do autor), que corresponde ao “[...] homem como ser-no-mundo” com sua presença corporal e integral, dessa forma, ele refere-se ao Se-movimentar, já que cada ser humano é dotado de personalidade ímpar”.

É preciso deixar claro que esse modelo não foi defendido por professores, estudiosos ou acadêmicos. Infelizmente ele é bastante representativo no contexto escolar, mas provavelmente tenha nascido de interpretações inadequadas e das condições de formação e trabalho do professor.

Sendo assim, o “rola bola” é entendido como uma aula de Educação Física que não apresenta uma sistematização ou orientação pedagógica intencional, ou seja, os estudantes resolvem o que vão fazer, como e quando, e o professor acaba se tornando um mero espectador, sem maiores influências.

Não queremos fazer aqui uma generalização de todas as escolas e todos os professores, mas é fato dizer que esse “método” se tornou bem comum nas nossas escolas brasileiras (DARIDO, 2010). Logicamente, por outro lado, também se materializa, em muitas escolas, uma Educação Física que tem a Cultura de Movimento como ponto de partida, almejando que o estudante, além de ser apresentado, vivencia os conhecimentos relacionados ao esporte, ao jogo, a dança, a luta e a ginástica, e desenvolve um aprendizado conceitual e crítico acerca de todo este conjunto de práticas corporais (KUNZ, 2006).

Já a tentativa que professores tem utilizado como “fuga” para o “rola bola” é o que conhecemos como aulas tradicionais, consideradas aqui como aquelas aulas que estão centradas nas técnicas e na reprodução do esporte de alto rendimento, porém, não desconsideramos o valor do professor que se utiliza desta estratégia de ensino para suas aulas, afinal muitos professores tiveram sua formação baseada no ensino técnico.

A nossa expectativa não é dizer o que é certo ou errado, mas sim, fazer com que você PROFESSOR, estabeleça uma reflexão acerca do conteúdo esporte, e seus objetivos a serem alcançados dentro do ambiente escolar.

Para Vago (1996), sendo o esporte um dos conteúdos a serem trabalhados nas aulas de Educação Física na escola, ele deveria deixar de ser uma negação radical para assumir uma relação de tensão permanente, ou seja, ao invés de se reproduzir as práticas esportivas determinadas por outros meios que não a escola, deveria ser ensinado assentado em uma dinâmica que desse condições para o estudante intervir de modo autônomo e crítico na sociedade em que vive.

Entendemos como Kunz (2006), que “[...] o esporte, na escola, não deve ser algo apenas para ser praticado, mas sim estudado (afinal para que se vai à escola?), o que passa a ser uma exigência um pouco mais “pesada” do que a simples prática” (p.36, grifos do autor).

Compartilhamos da ideia do autor, quando nos diz que podemos ensinar o esporte dentro do ambiente escolar de maneira diferente da tradicional. Para o autor, assim como para nós, é preciso que sejam desenvolvidas aulas que valorizem outros conhecimentos, como, por exemplo, o conhecer a respeito do jogo.

O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida através da reflexão crítica. (KUNZ, 2006. p. 31)

Sendo assim, não defendemos a exclusão do esporte oficial no meio escolar, mas sim que ele seja produzido de maneira consciente, com caráter educativo-pensante, no qual o estudante saiba declarar de maneira efetiva aquilo que pensa a respeito dele, de maneira crítica e autônoma.

Cabe a nós professores, entendermos que o esporte (assim como as outras manifestações da Cultura de Movimento) no âmbito escolar deve ser desenvolvido como esporte conteúdo, sendo compreendido profundamente como manifestação cultural, dando condições para que os estudantes entendam, valorizem e se utilizem do esporte de rendimento, assim como o esporte/lazer (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012). Tal concepção pode, em nosso ponto de vista, minimizar a dualidade que ainda se estabelece representada pelas ideias do esporte da escola e do esporte na escola. Não se trata de desenvolver o esporte/rendimento na escola, mas reconhecer que o mesmo exerce um fascínio nos estudantes que o acompanham pela televisão e pelos jogos digitais, por exemplo. Não problematizar esta questão, pode significar uma redução das possibilidades reflexivas dos estudantes.

Para Costa e Nascimento (2004) a perspectiva de ensino do esporte deveria privilegiar o jogo a partir de suas características complexas e sistêmicas, como a desmontagem do jogo em unidades funcionais e não em elementos técnicos, na qual a técnica surge em função da tática de forma

dirigida e intencional, proporcionando uma maior compreensão do jogo, uma valorização da aprendizagem da inteligência tática que não se encontra no método tradicional.

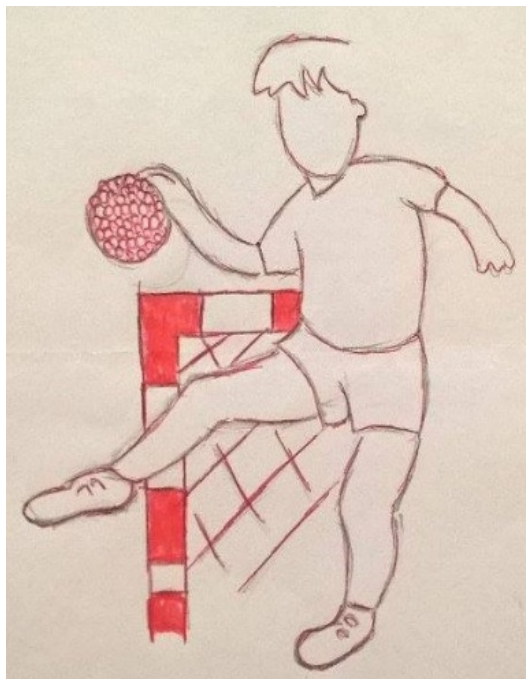
Assim, deveríamos pensar o esporte a partir de três eixos que são: 1. Dos saberes corporais que estão ligados à experiência ou ação corporal; 2. Dos saberes atitudinais relacionados às normas e valores; e 3. Dos saberes conceituais que se referem a descrever e explicar diferentes aspectos ligados ao esporte. Já dentro dos saberes conceituais encontramos a subdivisão em conhecimentos técnicos que se articulam às características e ao funcionamento da prática corporal em uma dimensão mais operacional, e o conhecimento crítico que está ligado às questões de ética, estética, de pensar as possibilidades e acesso que o esporte produz (GONZALEZ; BRACHT 2012).

Segundo Gonzalez e Bracht (2012, p. 57), dentro dos conhecimentos técnicos podemos estudar:

[...] como se classificam os esportes de acordo com os princípios táticos, as demandas orgânicas geradas por diferentes modalidades, mas também por conhecimentos vinculados à modalidade (o que se cobra e como se dá continuidade a uma partida após uma falta) e à gestão do jogo (forma como se preenche uma súmula).

Portanto, levantadas as questões que envolvem o ensino do esporte nas aulas de Educação Física na escola, a nossa proposta busca proporcionar elementos que deem condições de trabalhar o esporte na perspectiva conceitual através do conhecimento declarativo técnico tático, mas sem desprezar o saber corporal e suas potencialidades. Consideramos a importância de reconhecer esse trabalho com os diferentes esportes, porém neste momento nosso foco será o Handebol. A seguir apresentamos o que se refere o conhecimento declarativo.

DESVENDANDO O HANDEBOL



Como teria surgido o handebol, professor? Você já contou a história dessa modalidade para seus alunos?

Fonte: Figura elaborada por um estudante participante da pesquisa que deu origem a esse livreto

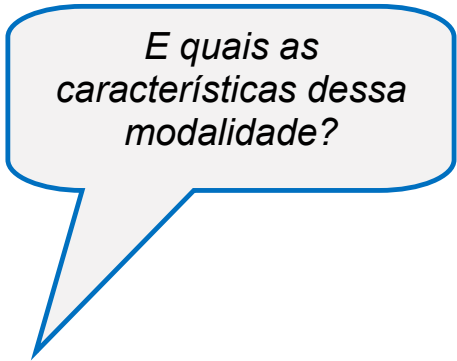
Ao buscarmos elementos que nos deem condições de entendermos as origens do handebol, encontramos histórias divergentes². Mas é fato reconhecermos que não podemos considerar o arremessar pedras em janelas, ou jogos que duravam dias, que iam de um lugar ao outro, sem definição de regras e número de jogadores, que aconteciam na antiguidade como precursor do handebol. Nos parece mais plausível partirmos do entendimento de que seu surgimento se deu com o esporte moderno, na época da Revolução Industrial (KNIJNIK, 2009).

Para Knijnik (2009), o handebol atual parece ter sido criado na Dinamarca em 1898, por Holger Nielsen, com suas primeiras regras sendo escritas em 1906, ainda sem ocorrer em um local *indoor*, podendo se dar livremente em amplos espaços a céu aberto com a bola (inicialmente a de

² Histórias divergentes, pois não há um consenso entre os autores sobre o surgimento do handebol que conhecemos na atualidade, alguns consideram seu surgimento a partir do handebol de campo e outros negam essa ligação, sinalizando ora o Hazena ora o Handebol Danes como matrizes iniciais do esporte (KNIJNIK, 2009).

futebol) nas mãos. Os suecos encantados pelo jogo, contribuíram para seu desenvolvimento e criação de novas regras.

Embora constatamos nos dias atuais que o handebol ainda não tem uma representação forte do Brasil no cenário dos campeonatos mundiais, ainda que tenha obtido a primeira colocação no Campeonato Mundial feminino em 2013, sua representação no cenário escolar parece mais significativa, visto que o handebol é uma atividade simples e interessante sob o ponto de vista de ensino e aprendizagem, pois é um esporte dinâmico, que necessita de tomadas de decisões rápidas durante a dinâmica do jogo. Para Tenroller (2007, p. 18), “[...] pode-se entender que se trata de uma modalidade de jogo coletivo das mais ricas [...]”, além do mais, nesta modalidade temos três gestos naturais em sua prática: correr, saltar e arremessar, que utilizamos nas atividades do cotidiano.



E quais as características dessa modalidade?

Gonzalez (2004) ao reunir algumas possibilidades de classificação dos esportes, identifica o handebol como: 1. Esporte coletivo, aquele em que há interação com o oponente, pois envolvem atividades nas quais os sujeitos, colaborando com seus companheiros de equipe de forma combinada, se enfrentam diretamente com a equipe adversária, tentando em cada ato atingir os objetivos do jogo, evitando ao mesmo tempo que os adversários o façam; 2. Esportes de invasão ou territoriais: têm como objetivo invadir o setor defendido pelo adversário, procurando atingir a meta contrária para pontuar, protegendo simultaneamente a sua própria meta.

Por ser um esporte de cooperação-oposição simultâneas, o handebol se configura como uma situação motriz (modalidade) que demanda uma série de tomada de decisões dos participantes. Essa tomada de decisão não é apenas de quem tem a posse de bola, mas sim de todos os jogadores, que atuam cooperativamente, trocando informações com seus companheiros de equipe; e

em oposição, com informações enganosas para seus adversários (RIBAS, 2014).

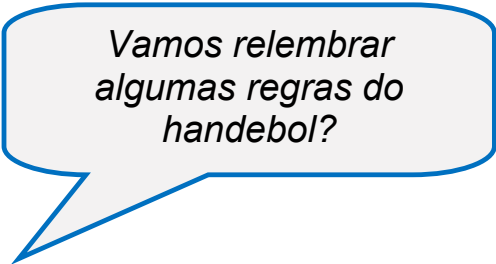
Para Parlebas (2008), as ações motrizes (ações específicas de cada modalidade) manifestadas a partir das regras e funcionamento dos jogos se referem à lógica interna, ou seja, a dinâmica que se estabelece dentro das situações motrizes. Então, qualquer ação motora realizada num determinado jogo é reflexo de uma atitude de concordância e aceitação do regulamento que prescreve seus limites.

O jogo de handebol acontece em uma superfície plana em forma de retângulo, com medidas oficiais de quarenta metros de comprimento por vinte metros de largura, nos centros das linhas de fundo existem as balizas de gol, que medem, dois metros de altura por três largura e possui as áreas conhecidas como “área do goleiro”, local no qual somente ele pode permanecer. A bola utilizada em um jogo masculino tem de 58 a 60 centímetros e para as mulheres de 54 a 56 centímetros. Uma partida oficial é jogada em dois tempos de trinta minutos cada, com intervalo de dez minutos. Cada equipe poderá ter quatorze jogadores, sendo em quadra seis jogadores na linha, que só poderão se utilizar das mãos para passar, arremessar, quicar e receber a bola, e um no gol, que poderá utilizar qualquer parte do corpo para a defesa, desde que esteja dentro da sua área (KNIJNIK 2009).

A dinâmica do jogo consiste em atacar e defender, tanto o seu espaço em quadra, quanto o seu alvo, tendo como objetivo colocar uma bola dentro do gol adversário, utilizando-se de estratégia individual e coletiva para isso. Com essas características, o handebol pode ser chamado de esporte de invasão, por seu aspecto de invadir o espaço do adversário para chegar ao alvo (MITCHEL; OSLIN; GRIFFIN, 1997).

O jogo é conduzido por regras, que embora coloquem limites, também possibilitam ações, favorecendo a criação de estratégias e táticas, dependentes dos princípios de jogo. Dessa forma, a capacidade de compreender e olhar o jogo são fundamentais para obter êxito nessa prática. Para tanto, é necessário reconhecer para onde e o que se deve olhar. Assim, os jogadores precisam conhecer os princípios e os objetivos, a fim de solucionarem as demandas da prática, que ocorrem nas situações de jogo e

que determinam as técnicas a serem utilizadas, e não o contrário (KNIJINIK, 2009).



*Vamos lembrar
algumas regras do
handebol?*

Selecionamos algumas das regras que consideramos mais importantes e necessárias para o aprendizado, mediante sua necessidade de compreensão para entendimento do jogo. Algumas das regras estão descritas a seguir:

- ✓ Um jogador não pode permanecer na área reservada para o goleiro;
- ✓ O jogador pode dar, no máximo, três passos estando com a posse de bola, mais que isso ele precisa driblar a bola no chão;
- ✓ Não é permitido que um jogador arranque a bola do seu adversário com as mãos. O que ele pode fazer é tomar a bola usando uma das mãos e permanecendo com ela aberta;
- ✓ O time que está com a bola deve ir ao ataque, não podendo ficar com a bola na sua defesa para passar o tempo, caso fique será sinalizado o jogo passivo;
- ✓ Empurrões, puxões, segurar o adversário, bater e pular no adversário são consideradas faltas, caso uma dessas ações aconteça quando o adversário tem a chance de marcar um gol, o árbitro marcará um tiro de 7 metros;
- ✓ Um jogador pode ser punido de 3 maneiras, advertência exclusão e desclassificação. Na primeira o jogador recebe um aviso (como o cartão amarelo no futebol), na segunda o jogador deverá permanecer fora da quadra por 2 minutos, e a terceira como o nome diz desclassifica o jogador e este não poderá retornar mais ao jogo.

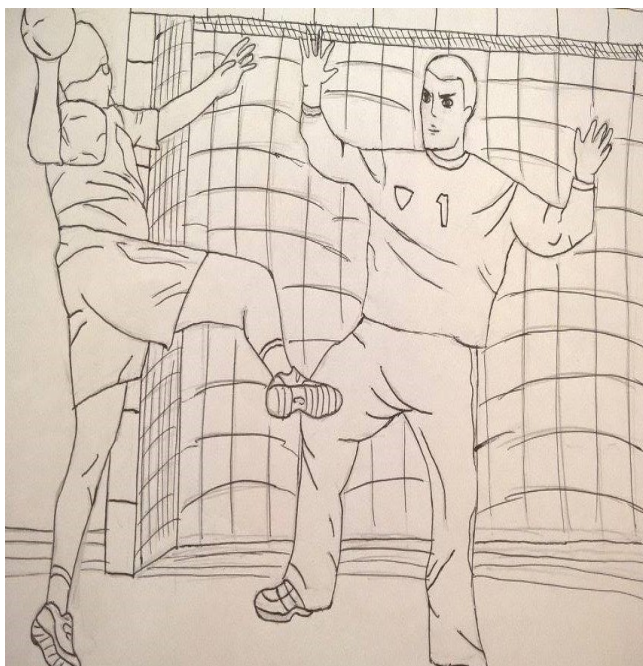
As linhas que organizam a quadra também fazem parte das regras do handebol:

- ✓ As linhas laterais e as de fundo são as que delimitam o espaço da quadra;
- ✓ A linha dos quatro metros é a que restringe a movimentação do goleiro quando é cobrado o tiro de sete metros;
- ✓ A linha dos seis metros é a que marca a área do goleiro durante a partida;
- ✓ A linha dos sete metros serve para indicar a posição correta para o jogador que for cobrar o tiro de sete metros;
- ✓ A linha dos nove metros é voltada para a cobrança de faltas, organizando a formação da barreira de defesa.

Mitchell, Oslin e Griffin (1997) propõem o ensino do esporte de oposição-cooperação a partir de jogos reduzidos ou modificados, manipulando um ou mais elementos como: espaço, número de companheiros e/ou adversários, regras, alvo e bola. No entanto, a referência é o jogo formal. Neste sentido, a situação de cooperação-oposição deve estar sempre presente, contribuindo para a compreensão da lógica tática do jogo formal, antes de se preocupar com a aprendizagem dos gestos técnicos. Assim sendo, mesmo nos jogos reduzidos devemos garantir a lógica interna do jogo formal, a fim de facilitar e aumentar a boa relação do estudante com este, dispondo de ferramentas para adentrar no universo das percepções que o jogador/estudante vai construindo sobre o jogo.

ATIVIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO DECLARATIVO TÉCNICO-TÁTICO EM AULAS COM JOGOS DE HANDEBOL

Trabalhar com o conhecimento declarativo em uma modalidade esportiva coletiva, como é o caso do handebol, é proporcionar aos estudantes o “saber o que fazer” em determinadas situações de jogo. Isto não significa que, de fato, ele agirá de maneira “correta”, mas sim que, ao assistir a um jogo, terá uma leitura mais ampliada das situações que o jogo apresenta.



Fonte: Figura elaborada por um estudante participante da pesquisa que deu origem a esse livreto

Neste livreto, tratamos de atividades para o desenvolvimento do conhecimento declarativo no handebol, mas também propomos possibilidades para trabalhar em outros conteúdos de esporte coletivo.

Sendo assim, para a primeira semana de atividade é sempre importante que se faça uma avaliação diagnóstica, isto significa que partiremos daquilo que os estudantes demonstram já conhecer.

ATIVIDADE 1- DIAGNÓSTICO



Fonte: Figura extraída do site pixabay

Perguntas que podem ser utilizadas para ter um levantamento diagnóstico teórico da turma:

- Você já assistiu ou jogou handebol alguma vez?
- Como é a quadra de handebol?
- Como se joga o handebol?

Quando for trabalhar com outra modalidade, basta simplesmente fazer as alterações necessárias nas questões.

É importante que você professor, estimule os estudantes a falarem, escreverem ou desenharem aquilo que sabem sobre o assunto.

Como avaliação diagnóstica da prática, é necessário fazer a apresentação da quadra, suas principais linhas e após essa apresentação, propomos:

- Um jogo com características do jogo formal (7 X 7) para verificar aquilo que eles apresentam de ações técnicas e táticas próprias do handebol. É importante dar alguns elementos para que os estudantes saibam como devem agir durante o primeiro jogo, mesmo que eles não tenham conhecimento aprofundado sobre o tema.

Instruções como:

- Não pode entrar na área do goleiro;

- **Só pode dar três passos com a bola nas mãos;**
- **Não pode tirar a bola das mãos do adversário;**
- **O passe e arremesso só podem ser realizado com as mãos.**

Proporcionar ao estudante a observação das ações de seus colegas se materializa como um recurso que incentiva o processo de aprendizagem, considerando que o aprender entre os pares pode proporcionar inúmeras reflexões, tanto de comparação quanto de análise.

Enquanto uma equipe joga, a outra poderá fazer anotações referentes ao jogo que observa. A utilização de ficha como roteiro pode auxiliar.

Nome do estudante: _____

Qual equipe está observando: _____

Marque com um X quando observar (TODAS ÀS VEZES) as seguintes situações:

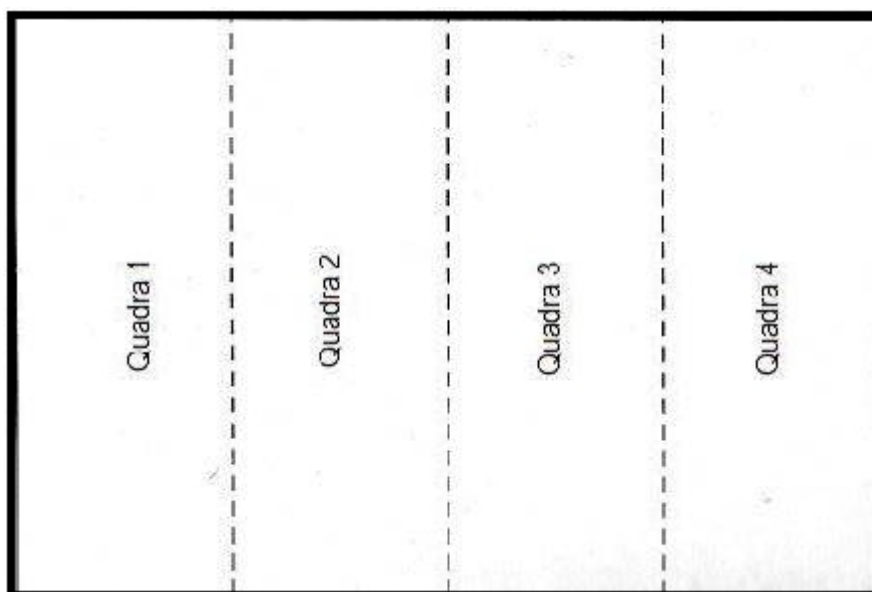
As linhas estão sendo respeitadas.	
Alguém que está jogando na linha entrou na área do goleiro.	
O jogador deu mais que três passos com a bola nas mãos.	
Tirou a bola da mão do jogador.	
Teve contato com a bola com outras partes do corpo que não as mãos.	

Fonte: Elaboração própria.

ATIVIDADE 2 – ENTENDENDO O JOGO DE INVASÃO

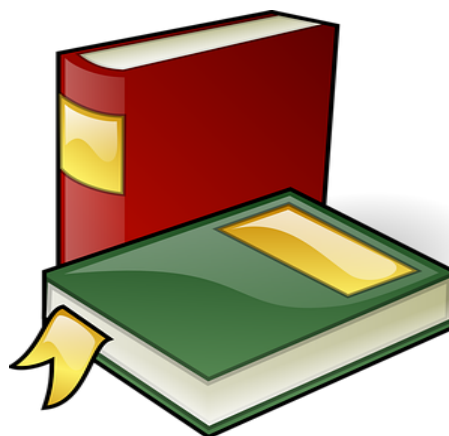
As autoras americanas, Mitchell; Oslin e Griffin (1997) nos mostram como é possível fazer com que os estudantes entendam a dinâmica de um jogo de invasão com simples atividades rotineiras das aulas de Educação Física.

A figura a seguir, demonstra como “montar” a quadra para que os estudantes a ocupem de determinadas maneiras dependendo dos objetivos da aula. Por exemplo, para um alongamento ou aquecimento inicial os estudantes devem ocupar as partes da quadra de acordo com seus nomes, e em determinados momentos, ao comando do professor, eles devem trocar de lugar, sendo isso, previamente combinado, explicado e discutido com os estudantes.



Fonte: Figura extraída do livro *Teaching Sport Concepts and Skills*, das autoras Mitchell; Oslin e Griffin (1997, p. 73).

ATIVIDADE 3 – INÍCIO DAS REGRAS



Fonte: Figura extraída do site pixabay

Para a construção do conhecimento declarativo em modalidades esportivas, é sempre necessário o conhecimento das regras que delimitam e caracterizam o esporte. Portanto neste momento, propomos a apresentação e discussão de algumas regras do handebol.

A seguir apresentamos um resumo das regras que podem ser trabalhadas neste momento, que darão suporte para o entendimento do jogo.

- ✓ Um jogador não pode permanecer na área reservada para o goleiro;
- ✓ O atleta pode dar, no máximo, três passos estando com a posse de bola, mais que isso ele precisa driblar a bola no chão;
- ✓ Não é permitido que um jogador arranque a bola do seu adversário com as mãos. O que ele pode fazer é tomar a bola usando uma das mãos e permanecendo com ela aberta;
- ✓ O time que está com a bola deve ir ao ataque, não podendo ficar com a bola na sua defesa para passar o tempo, caso fique será sinalizado o jogo passivo;
- ✓ Empurrões, puxões, segurar o adversário, bater e pular no adversário são consideradas faltas, caso uma dessas ações aconteça quando o adversário tem a chance de marcar um gol, o árbitro marcará um tiro de 7 metros;
- ✓ Um jogador pode ser punido de 3 maneiras, advertência exclusão e desclassificação. Na primeira o jogador recebe um aviso (como o cartão

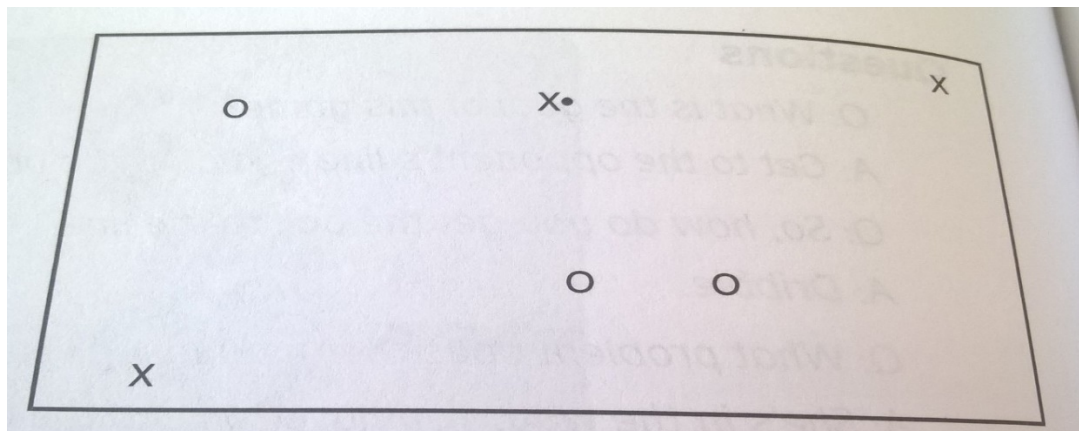
amarelo no futebol), na segunda o jogador deverá permanecer fora da quadra por 2 minutos, e a terceira como o nome diz desclassifica o jogador e este não poderá retornar mais ao jogo.

As linhas que organizam a quadra também fazem parte das regras do handebol:

- ✓ As linhas laterais e as de fundo são as que delimitam o espaço da quadra;
- ✓ A linha dos quatro metros é a que restringe a movimentação do goleiro quando é cobrado o tiro de sete metros;
- ✓ A linha dos seis metros é a que marca a área do goleiro durante a partida;
- ✓ A linha dos sete metros serve para indicar a posição correta para o jogador que for cobrar o tiro de sete metros;
- ✓ A linha dos nove metros é voltada para a cobrança de faltas, organizando a formação da barreira de defesa.

A discussão sobre as regras do handebol de maneira conjunta com os estudantes, proporciona um entendimento sobre como o jogo acontece. Perguntar aos estudantes o que eles estão entendendo, quais as dúvidas e dificuldades pode contribuir para a construção do conhecimento acerca do handebol.

ATIVIDADE 4 – JOGO 3 X 3



Fonte: Figura extraída do livro Teaching Sport Concepts and Skills, das autoras Mitchell; Oslin e Griffin (1997)

A atividade consiste em jogar três contra três jogadores, com o objetivo de realizar os passes de bola entre a equipe sem a interrupção da equipe adversária.

O ponto é marcado quando a equipe consegue fazer quatro passes seguidos sem que a equipe adversária recupere a bola.

Os jogos reduzidos (2x2 ou 3x3) são uma alternativa para o ensino de jogos de invasão, esses formatos de jogos são formas que favorecem o ensino aos estudantes que estão iniciando. Deve-se ficar atento que o jogo 3x3 é mais complexo que o 2x2 por causa do terceiro jogador, no qual cada equipe possui uma opção adicional de passe.

Para que o minijogo aconteça utilize algumas regras, como por exemplo:

- ***O jogador com a bola nas mãos não poderá se movimentar;***
- ***Não é permitido empurrar ou agarrar para recuperar a bola;***
- ***Bola no chão pode ser recuperada por qualquer equipe.***

Observação: Você professor, poderá utilizar vários pontos da quadra para fazer os minijogos, proporcionando assim um maior número de estudantes jogando ao mesmo tempo.

ATIVIDADE 5 – JOGO DOS DEZ PASSES



Fonte: Figura extraída do site pixabay

Como na aula anterior iniciamos o trabalho de ataque (passes), continuaremos nesta aula ampliando as possibilidades de jogadas dos estudantes jogadores.

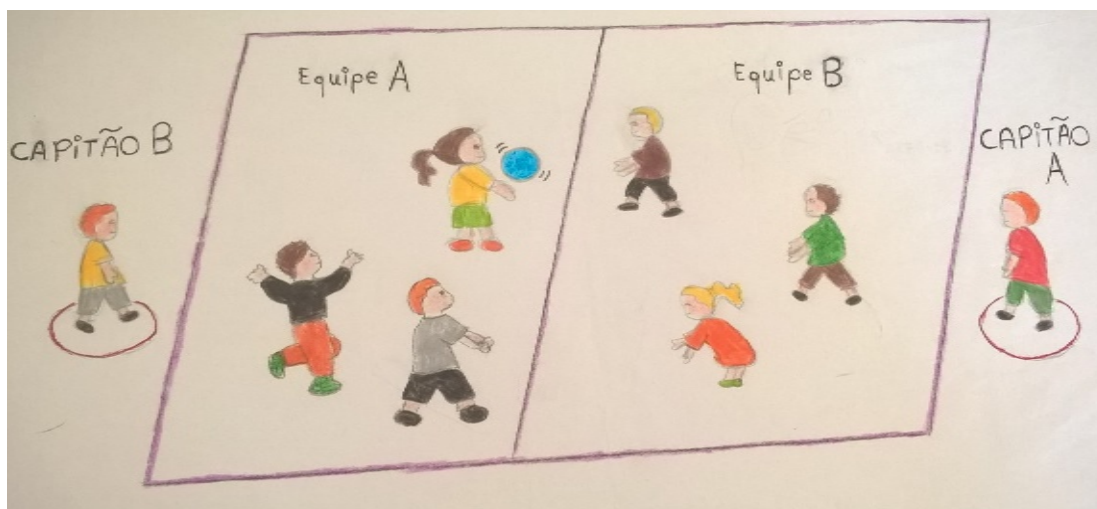
O objetivo da atividade está em alcançar a troca de dez passes entre a equipe sem a interrupção da jogada pela equipe adversária.

Para esta atividade podemos utilizar o número oficial de jogadores (7 x 7), ou até mais jogadores se for necessário. Para que haja espaço suficiente utilize a quadra toda.

Quando uma equipe marcar um ponto, passa a bola para a equipe adversária, e o jogo recomeça.

As regras do jogo podem ser construídas juntamente com os estudantes, partindo das regras que eles já conhecem do handebol e colaborando com o que eles acharem necessário para fluência do jogo.

ATIVIDADE 6 – BOLA AO CAPITÃO

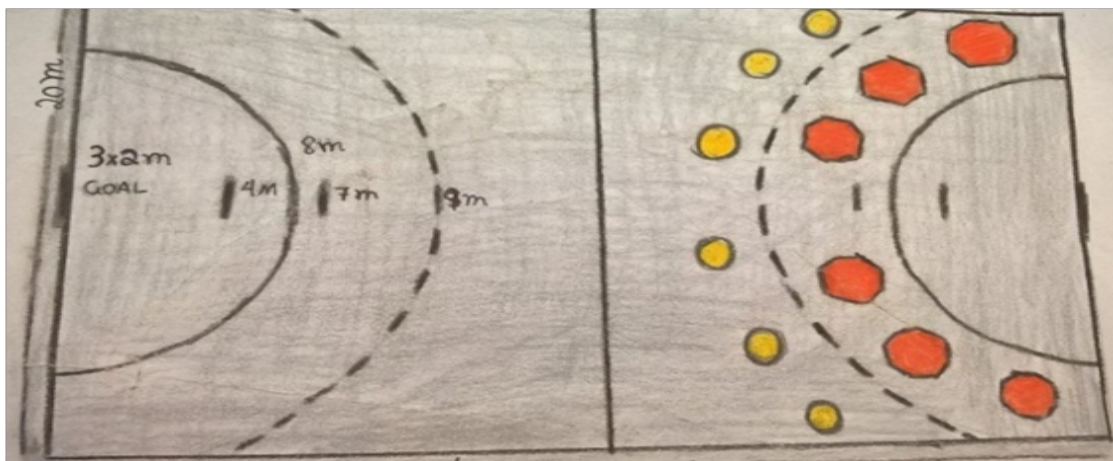


Fonte: Figura elaborada por um estudante participante da pesquisa que deu origem a esse livreto

O objetivo do “bola ao capitão”, é passar a bola entre os companheiros da mesma equipe até conseguirem passar a bola ao seu capitão e marcar ponto, e evitar que os adversários marquem pontos. Ganha o jogo a equipe que marcar mais pontos no tempo estabelecido. Para alcançar o objetivo, os jogadores podem percorrer a quadra toda desde que não tenham a bola nas mãos. Aquele que possui a posse de bola deverá dar no máximo 3 passos e em seguida passar a bola para um dos colegas. O jogador com bola não pode sair das linhas limites do campo e sempre que sair a bola é repostada em jogo na linha lateral, no local mais próximo por onde saiu, pela equipe contrária à que a tocou em último lugar. Sempre que o “capitão” recebe a bola sem a deixar cair e sem sair de sua área delimitada previamente, a sua equipe marca um ponto. E assim o jogo recomeça na linha final através de um passe realizado por um jogador da equipe que sofreu o ponto para um companheiro. Não é permitido a qualquer jogador tirar a bola das mãos do adversário, nem o contato físico entre os jogadores.

É importante dizer neste momento, que aqueles estudantes que por algum motivo não estiverem participando da prática das atividades, devem estar envolvidos de alguma maneira, como observando os jogos dos colegas de maneira a entender a dinâmica dos jogos, bem como fazer comentários e participarem das discussões.

ATIVIDADE 7 – SISTEMAS DE DEFESA



Fonte: Figura elaborada por um estudante participante da pesquisa que deu origem a esse livreto

Sabendo que o handebol é uma modalidade coletiva de oposição-cooperação, como define Knijnik (2009), é importante que seus estudantes saibam identificar quais os possíveis sistemas de defesa que podem ser utilizados. Apresente a eles neste momento, o sistema 6X0 e 5X1. Você professor, pode utilizar de desenhos na lousa para o entendimento dos estudantes, e após a explicação uma dinâmica prática para que eles vivenciem essas possibilidades.

Como vivência prática para a atividade de sistemas defensivos, propomos o seguinte:

O jogo acontecerá em meia quadra para cada duas equipes (e na outra meia quadra mais duas equipes, acontecendo assim dois jogos ao mesmo tempo). Combine com eles quais serão as duas equipes que vão começar na

defesa. Ao sinal do professor eles devem formar o sistema 6x0 ou 5x1 (de acordo com a necessidade). Quando a equipe que está na defesa recupera a posse de bola, ocorre a troca das posições de ataque e defesa, assim como quando é realizado um gol. O goleiro pode ser trocado toda vez que acontece esse rodízio de posições de ataque e defesa, proporcionando assim a vivência de todos em todas as posições.

Ao final da atividade solicite aos estudantes que escrevam ou falem sobre os momentos vivenciados e as aprendizagens construídas.

ATIVIDADE 8 – ANÁLISE DE VÍDEOS



Fonte: Figura extraída do site pixabay

A observação de jogo por parte dos estudantes é um forte elemento para trabalhar com o conhecimento declarativo, visto que quando ele faz essas observações (inicialmente sistematizadas), contribui para o entendimento da dinâmica do jogo (questões da técnica, da tática e das regras). Essas observações podem ser feitas tanto dos jogos dos próprios colegas de sala, quanto de jogos televisivos. Quando utilizado jogos oficiais, as questões da técnica, tática e regras ficam mais evidentes, o que é um fator importante.

Na internet encontramos diversos vídeos de jogos oficiais de handebol, propomos a utilização de alguns, mas tenha liberdade para fazer suas escolhas.

<https://www.youtube.com/watch?v=l6rXeshuiWk>

https://www.youtube.com/watch?v=BlxJC1n_7dU

<https://www.youtube.com/watch?v=jl-9YDZ2N6k>

<https://www.youtube.com/watch?v=aQVvYhoWy1Y>

<https://www.youtube.com/watch?v=ZVStF40CphE>

<https://www.youtube.com/watch?v=TC-GY-0BYZo>

A mesma dica para a utilização de vídeos de jogos oficiais para análise dos estudantes, também vale para outras modalidades esportivas.

A partir da observação de vídeos como os propostos, é possível questionar os estudantes sobre questões da dinâmica do jogo e elementos que chamam a atenção como características básicas da modalidade.

É sempre importante que o professor questione os estudantes através de questionários, fichas e verbalização para evidenciar o que eles estão desenvolvendo de conhecimento sobre “o que fazer” no jogo.

ATIVIDADE 9 – PAPEL E SUB-PAPEL



Fonte: Figura extraída do site pixabay

Uma questão importante para o desenvolvimento do conhecimento declarativo dentro do handebol, ou em outras modalidades coletivas, é que os

estudantes sejam capazes entender e identificar os papéis e sub-papéis que existem nos jogos, como é descrito a seguir:

✓ Atacante com posse de bola (ACPB): Ele observa antes de agir (drible, passe, lançamento)? / Passa sempre para o jogador sem marcação? /

✓ Quando recebe a bola, fica de frente para o gol antes de passar? / Finaliza sempre quando as condições são favoráveis? / Quando finaliza, procura um lugar vazio (entre os marcadores) ou o faz sobre o defensor?

✓ Atacante sem posse de bola (ASPB): Procura permanentemente desmarcar-se para receber a bola? / Aproxima-se muito do ACPB? Afasta-se muito do ACPB? / Solicita a bola em deslocamento na direção ao gol ou parado? / Progride com a equipe quando partem para o contra-ataque?

✓ Defensor do ACPB: Marca o seu atacante direto? / Está sempre entre seu atacante direto e o gol? / Pressiona seu atacante direto para evitar o passe e/ou a finalização?

✓ Defensor do ASPB: Responsabiliza-se por seu atacante direto ou vai atrás da bola? / Está sempre entre seu atacante direto e o gol? / Está sempre agindo com o objetivo de dissuadir o ACPB? / Quando marca, cuida apenas do ASPB, apenas do ACPB ou dos dois?

Como atividade para o desenvolvimento deste conhecimento, propomos a utilização do jogo 7 contra 7 (número oficial), no qual duas equipes jogam e duas observam, e em alguns momentos do jogo, ao sinal do professor as equipes “congelam” o jogo e fazem a análise das possibilidades de atuação de cada jogador na partida. Os jogadores em quadra e os que estão analisando devem fazer suas declarações a respeito do que observam.

ATIVIDADE 10 – ARBITRAGEM



Fonte: Figura extraída do site pixabay

Uma possibilidade para o desenvolvimento do conhecimento declarativo conceitual técnico tático do handebol é visto quando os estudantes são colocados para atuar como árbitros de partidas da modalidade, podendo ser jogos da própria turma do estudante.

Quando estão na função de arbitrar um jogo utilizam-se de todo o conhecimento adquirido sobre a dinâmica e regras do jogo para uma atuação correta.

Essa atividade de arbitragem pode ser em forma de rodízio durante o jogo, no qual todos os estudantes terão a possibilidade dessa experimentação. Determina-se um tempo fixo (por exemplo 5 minutos) e então faz a troca de quem estava jogando na linha para a posição de árbitro.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES



Fonte: Figura extraída do site pixabay

Estas orientações foram elaboradas a partir da pesquisa realizada na dissertação de Mestrado Profissional, resultante de um estudo acadêmico e científico, mas que também considerou a prática profissional e as possibilidades e dificuldades encontradas no dia-a-dia da vida escolar.

Podemos dizer, que o ensino do conteúdo esporte no meio escolar ainda é gerador de conflitos, negação e extrema valorização, mas que precisamos nos voltar para que as discussões não sejam encerradas, mas sim que tenhamos condições na estrutura física, material e de conhecimento para que façamos uma mudança significativa em nossas aulas, proporcionando assim, um aprendizado aos nossos estudantes, e futuramente um novo olhar para a área da Educação Física.

Trabalhar com o conhecimento declarativo dentro dos conteúdos esportivos, requer atenção e dedicação do professor, na medida em que a construção do conhecimento acontece a todo momento da aula, mas que é necessária uma mediação para que os estudantes se modifiquem na aprendizagem.

Concluimos esta proposta com a ideia e expectativa de que seja o começo de um novo tempo para os professores de Educação Física, com a preocupação de sempre buscar novos conhecimentos, assim como entender a utilização dos conhecimentos declarativos nas aulas de Educação Física.

Do mesmo modo, almejamos que este estudo seja um recomeço para aqueles que terão acesso a ele, e início de uma transformação do ato de ensinar, aprender e participar das aulas de Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, J. R. **Cognitive psychology and its implications**. New York: W.H.Freman, 1995.

ANTUNES, F. H. C.; DANTAS, L. Sistematização do conhecimento declarativo em educação física escolar de 5ª à 8ª séries do ensino fundamental. **Rev. bras. educ. fís. esporte** (Impr.) [online]. 2010, vol.24, n.2, pp.205-221. ISSN 1807-5509. <http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092010000200005>.

AUSUBEL, D. P. **Psicología educativa: un punto de vista cognoscitivo**. México: Trillas, 1976.

BETTI, M. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa–ação**. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2009.

BRACHT, V. **Aprendizagem social e Educação Física**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRACHT V. & GONZÁLEZ, F. J. Educação Física Escolar. In GONZÁLEZ & FENSTERSEIFER (Orgs.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. 3a ed. pag. 244/ 246. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CAPARROZ, F. E. **A Educação Física como componente curricular: entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola**. Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.

COSTA, L. C. A.; NASCIMENTO, J. V. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 49-56, 2. sem. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3421>. Acesso em: 10 de abril 2016.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **Educação Física brasileira: autores e atores da década de 80**. Campinas, Papirus, 1997.

DARIDO, S. C. J; SOUZA, O. M. **Para ensinar Educação Física: Possibilidades de intervenção na escola**. 6. ed. Campinas – SP: Editora Papirus, 2010.

FERREIRA, H.S. SAMPAIO, J.J.C. Tendências e abordagens pedagógicas da Educação Física escolar e suas interfaces com a saúde. **EFdeportes**. Buenos Aires, ano18, nº182, 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd182/tendencias-pedagogicas-da-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em 19 de ago 2016.

- FREIRE, J.B. Rumo ao universo... do corpo. In: OLIVEIRA, V. M. (Org.) **Fundamentos pedagógicos: Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.
- GAMBOA, S. S. Pesquisa em Educação Física: as interrelações necessárias. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 5, v. 5/7, p. 34-46, dez. 1994.
- GARGANTA, J.; PINTO, J. Futebol Português: importância do modelo de jogo no seu desenvolvimento. **Horizonte**, 33, 94-98, 1998.
- GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia dos Esportes Coletivos**. Vitória: UFEJ, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.
- KNIJNIK, J. D. **Handebol: Agôn: o espírito do esporte**. São Paulo: Odysseus, 2009.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2004.
- _____. **Educação física crítico-emancipatória: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
- MITCHELL, S. A.; OSLIN, J. L. GRIFFIN, L. **Teaching Sport Concepts and Skills: a tactical games approach for ages 7 to 18**. United States: Human Kinetics, 3 ed. 1997.
- MORALEZ, J. C. P., GRECO, P. J. A influência de diferentes metodologias de ensinoaprendizagem-treinamento no basquetebol sobre o nível de conhecimento tático processual. **Revista brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo, v.21, n.4, p.291- 99, 2007.
- MOREIRA, M. A.; MASINI, E. A. F. S. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo, Editora Moraes, 1982.
- PARLEBAS, P. **Juego deporte y sociedad: léxico de praxiologia motriz**. Barcelona: Paidotribo, 2008.
- PINTO, R. D. R. V. **Conhecimento declarativo no futsal: Estudo comparativo de equipes profissionais e amadoras, considerando os anos de prática, idade, estatuto posicional e sistema de jogo**. Monografia. Porto, 2005.
- REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico – cultural de educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- RIBAS, J. F. M. (Org.). **Praxiologia Motriz e voleibol: elementos para o trabalho pedagógico**. Ijuí: Editora da Unijuí, 2014.
- SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- SOARES, C. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.
- STENBERG, R. J. **Psicologia cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- TENROLLER, C. A. **Handebol para iniciantes: abordagem recreativa**. Porto Alegre: Nova Prata, 2007.

VAGO, T. M. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente- Um diálogo com Valter Bracht. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 3, n. 5, p. 4-17, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.